

São Francisco de Sales forma os seus colaboradores

Francisco de Sales não queria ser bispo. “Não nasci para mandar”, teria dito a um confrade que, para o encorajar, lhe disse: “Mas todos o querem!” Aceitou quando reconheceu a vontade de Deus na vontade do duque, do bispo Dom de Granier, do clero e do povo. É ordenado bispo de Genebra a 8 de dezembro de 1602, na pequena igreja da sua paróquia de Thorens. Numa carta a Joana de Chantal, escreveu que, nesse dia, “Deus tinha-me tirado de mim mesmo para me tomar para si e, assim, dar-me ao povo, ou seja, tinha-me transformado daquilo que eu era para mim naquilo que eu devia ser para eles”.

Para cumprir a missão pastoral que lhe foi confiada e que tinha por objetivo servir “esta miserável e aflita diocese de Genebra”, precisava de colaboradores. É certo que, conforme as circunstâncias, gostava de chamar a todos os fiéis “meus irmãos e meus colaboradores”, mas esta designação dirigia-se ainda mais aos membros do clero, os seus “confrades”. A reforma do povo exigida pelo Concílio de Trento podia, de fato, começar com eles e através deles.

A pedagogia do exemplo

Antes de mais, o bispo devia dar o exemplo: o pastor devia tornar-se o modelo para o rebanho que lhe era confiado e, antes de mais, para o clero. Para isso, Francisco de Sales impôs a si mesmo uma Regra Episcopal. Redigida na terceira pessoa, estipulava não só os deveres estritamente religiosos do ofício pastoral, mas também a prática de um certo número de virtudes sociais, como a simplicidade de vida, o cuidado habitual dos pobres, as boas maneiras e a decência. Desde o início, lê-se um artigo contra a vaidade eclesiástica:

Em primeiro lugar, quanto ao comportamento externo, Francisco de Sales, bispo de Genebra, não usará vestes de seda, nem

vestes mais preciosas do que as usadas até agora; no entanto, elas serão limpas, bem feitas, de modo a serem usadas com propriedade ao redor do corpo.

Na sua casa episcopal, contentar-se-á com dois clérigos e alguns criados, muitas vezes muito jovens. Também eles serão formados para a simplicidade, a cortesia e o sentido de acolhimento. A mesa será frugal, mas limpa e asseada. A sua casa deve estar aberta a todos, porque “a casa de um bispo deve ser como uma fonte pública, onde os pobres e os ricos têm o mesmo direito de se aproximar para tirar água”.

Para além disso, o bispo deve continuar a formar-se e a estudar: “Procurará aprender todos os dias alguma coisa que seja útil e conveniente para a sua profissão”. Em regra, dedicará duas horas ao estudo, entre as sete e as nove da manhã, e depois do jantar poderá ler durante uma hora. Reconhece que gosta de estudar, mas isso lhe era indispensável: considera-se um “perpétuo estudante de teologia”.

Conhecer as pessoas e as situações

Um bispo desta envergadura não pode contentar-se em ser apenas um bom administrador. Para conduzir o rebanho, o pastor deve conhecer o rebanho, e para conhecer a situação exata da diocese e do clero em particular, Francisco de Sales empreendeu uma série impressionante de visitas pastorais. Em 1605, visitou 76 paróquias da parte francesa da diocese e regressou “depois de ter percorrido o campo durante seis semanas sem interrupção”. No ano seguinte, uma grande viagem pastoral, que durou vários meses, levou-o a 185 paróquias, rodeadas por “montanhas espantosas, cobertas por um manto de gelo de 50 a 60 metros de espessura”. Em 1607, esteve presente em 70 paróquias e, em 1608, pôs fim às visitas oficiais da sua diocese, deslocando-se a 20 paróquias à volta de Annecy, mas continuou a fazer muitas outras visitas em 1610 a Annecy e às paróquias vizinhas. Em seis anos, terá visitado 311 paróquias com as suas comunidades.

Graças a estas visitas e contatos pessoais, adquiriu um conhecimento preciso da situação real e das necessidades concretas da população. Constatou a ignorância e a falta de espírito sacerdotal de certos padres, para não falar dos escândalos de alguns mosteiros onde a Regra deixou de ser observada. O culto egoísta, reduzido a uma função e manchado pela procura do lucro, lembrava demasiadas vezes os maus exemplos da Bíblia: “Parecemo-nos com Nabal e Absalão, que só se alegravam com a tosquia do rebanho”.

Alargando o seu olhar sobre a Igreja, chega a denunciar a vaidade de certos prelados, verdadeiros “cortesãos da Igreja”, que compara aos crocodilos e aos camaleões: “O crocodilo é um animal ora terrestre ora aquático, dá à luz na terra e caça na água; assim se comportam os cortesãos da Igreja. As árvores mudam de folhas depois do solstício: o olmo, a tília, o choupo, a oliveira, o salgueiro; o mesmo acontece entre os eclesiásticos”.

Às queixas sobre o comportamento do clero juntou a reprovação da sua fraqueza perante as injustiças cometidas pelo poder temporal. Recordando alguns bispos corajosos do passado, exclamou: “Oh! como eu gostaria de ver alguns Ambrósios a comandar Teodósio, alguns Crisóstomos a repreender Eudóxia, alguns Hilário a corrigir Constâncio!” A acreditar numa confidência da Madre Angélica Arnauld, Dom de Sales também se queixava das “desordens na Cúria de Roma”, verdadeiros “assuntos deploráveis”, bem convencido, porém, de que “falar deles ao mundo, na situação em que se encontra, é causa de escândalo inútil”.

Seleção e formação dos candidatos

A renovação da Igreja implicou um esforço de discernimento e de formação dos futuros sacerdotes, muito numerosos na época. Durante a primeira visita pastoral, em 1605, o bispo recebeu 175 jovens candidatos; no ano seguinte, 176; em menos de dois anos, encontrou 570 candidatos ao ministério sacerdotal ou noviços nos mosteiros.

O mal resultava, antes de mais, da ausência de

vocação de um bom número deles. Muitas vezes, a atração por benefícios temporais ou o desejo das famílias de colocarem os seus filhos primogênitos era preponderante. Em todos os casos, era necessário discernir se a vocação vinha “do céu ou da terra”.

O bispo de Genebra levava muito a sério os decretos do Concílio de Trento, que previam a criação de seminários. A formação deve começar numa idade precoce. Já em 1603, foi feita uma tentativa de criar um embrião de seminário menor em Thonon. Os adolescentes são pouco numerosos, provavelmente por falta de meios e de espaço. Em 1618, Francisco de Sales propõe-se recorrer diretamente à autoridade da Santa Sé para obter apoio jurídico e financeiro para o seu projeto. Queria erigir um seminário, escreveu, no qual os candidatos pudessem “aprender a observar cerimônias, a catequizar e a exortar, a cantar e a exercer as outras virtudes clericais”. No entanto, todos os seus esforços foram em vão devido à falta de recursos materiais.

Como assegurar a formação dos futuros sacerdotes em tais condições? Alguns frequentavam colégios ou universidades no estrangeiro, enquanto a maioria era formada nas casas canônicas, sob a orientação de um sacerdote sábio e instruído, ou nos mosteiros. Francisco de Sales queria que cada grande centro da diocese tivesse um “teólogo”, ou seja, um membro do cabido da catedral encarregado de ensinar a Sagrada Escritura e a teologia.

No entanto, a ordenação era precedida de um exame e, antes de lhe ser atribuída uma paróquia (com o benefício anexo), o candidato devia passar num concurso. O bispo assistia e interrogava pessoalmente o candidato para se certificar de que possuía os conhecimentos e as qualidades morais exigidas.

Formação permanente

A formação não devia parar no momento da ordenação ou da designação de uma paróquia. Para assegurar a formação permanente dos seus sacerdotes, o principal meio à disposição

do bispo era a convocação anual do sínodo diocesano. O primeiro dia desta assembleia era solenizado por uma missa pontifical e uma procissão pela cidade de Annecy. No segundo dia, o bispo dava a palavra a um dos seus cônegos, mandava reler os estatutos dos sínodos anteriores e recolhia os comentários dos párocos presentes. Em seguida, começava-se a trabalhar em comissões para discutir questões relativas à disciplina eclesiástica e ao serviço espiritual e material das paróquias.

Como as constituições sinodais continham muitas normas disciplinares e rituais, era visível nelas o cuidado com a formação permanente, intelectual e espiritual. Faziam referência aos cânones dos antigos concílios, mas sobretudo aos decretos do “Santíssimo Concílio de Trento”. Por outro lado, era recomendada a leitura de obras que tratavam de pastoral ou de espiritualidade, como as de Gerson (provavelmente a *Instrução dos párocos para instruir o povo simples*) e as do dominicano espanhol Luís de Granada, autor de uma *Introdução ao símbolo da fé*.

A ciência, escreve ele na sua *Exortação aos homens da Igreja*, “é o oitavo sacramento da hierarquia da Igreja”. Os males da Igreja devem-se sobretudo à ignorância e à preguiça do clero. Felizmente, apareceram os padres jesuítas! Modelos de padres cultos e zelosos, estes “grandes homens”, que “devoram os livros com os seus incessantes estudos”, “restabeleceram e consolidaram a nossa doutrina e todos os santos mistérios da nossa fé; de modo que ainda hoje, graças à sua louvável obra, enchem o mundo de homens doutos que destroem a heresia por toda a parte”. Na conclusão, o bispo resumiu todo o seu pensamento: “Uma vez que a Providência divina, sem ter em conta a minha incapacidade, me estabeleceu como vosso bispo, exorto-vos a estudar sem vos cansardes, para que, sendo instruídos e exemplares, sejais irrepreensíveis e prontos a responder a todos os que vos interrogarem sobre questões de fé”.

Formação dos pregadores

Francisco de Sales pregou tantas vezes e tão bem que foi considerado um dos melhores pregadores do seu tempo e um modelo para os pregadores. Pregou não só na sua diocese, mas também aceitou pregar em Paris, Chambéry, Dijon, Grenoble e Lion. Pregou também em Franche-Comté, em Sion no Valais e em várias cidades do Piemonte, nomeadamente Carmagnola, Mondovì, Pinerolo, Chieri e Turim.

Para conhecer as suas reflexões sobre a pregação, é preciso consultar a carta que dirigiu em 1604 a André Frémyot, irmão da baronesa de Chantal, jovem arcebispo de Bourges (tinha apenas trinta e um anos), que lhe tinha pedido conselhos para pregar. Para pregar bem, diz ele, são necessárias duas coisas: a ciência e a virtude. Para obter um bom resultado, o pregador deve procurar instruir os seus ouvintes e tocar-lhes o coração.

Para os instruir, deve ir sempre à fonte: a Sagrada Escritura. As obras dos Padres não devem ser negligenciadas; de fato, “o que é a doutrina dos Padres da Igreja, senão uma explicação do Evangelho e uma exposição da Sagrada Escritura?” É igualmente bom servir-se da vida dos santos que nos fazem ouvir a música do Evangelho. Quanto ao grande livro da natureza, a criação de Deus, obra da sua palavra, constitui uma fonte extraordinária de inspiração, se soubermos observá-la e meditá-la. “É um livro – escreve ele – que contém a palavra de Deus”. Como homem do seu tempo, educado na escola dos humanistas clássicos, Francisco de Sales não excluía dos seus sermões os autores pagãos da antiguidade e nem mesmo uma pitada da sua mitologia, mas usava-os “como se usam os cogumelos, isto é, só para abrir o apetite”.

Além disso, o que ajuda muito a compreensão da pregação e a torna agradável é o uso de imagens, comparações e exemplos, tirados da Bíblia, de autores antigos ou da observação pessoal. De fato, as analogias possuem “uma eficácia incrível para iluminar a inteligência e mover a vontade”.

Mas o verdadeiro segredo de uma pregação eficaz é a caridade e o zelo do pregador, que sabe encontrar as

palavras certas no fundo do seu coração. É preciso falar “com calor e devoção, com simplicidade, com franqueza e com confiança, estar profundamente convencido do que está a ensinar e a inculcar nos outros”. As palavras devem sair mais do coração do que da boca, porque “o coração fala ao coração, enquanto a boca só fala aos ouvidos”.

Formar os confessores

Outra tarefa assumida por Francisco de Sales desde o início do seu episcopado foi a de redigir uma série de *Advertências aos Confessores*. Elas contêm não só uma doutrina sobre a graça deste sacramento, mas também normas pedagógicas dirigidas àqueles que têm a responsabilidade de guiar as pessoas.

Antes de mais, aqueles que são chamados a trabalhar na formação das consciências e no progresso espiritual dos outros devem começar por si mesmos, para não merecerem a censura: “Médico, cura-te a ti mesmo”; e a admoestação do apóstolo: “Tu que julgas os outros, te condenas a ti mesmo”. O confessor é um juiz: cabe-lhe decidir se absolve ou não o pecador, tendo em conta as disposições interiores do penitente e as normas em vigor. É também um médico, porque “os pecados são doenças e feridas espirituais”, pelo que lhe compete prescrever os remédios adequados. Francisco de Sales, porém, sublinha que o confessor é, sobretudo, um pai:

Lembrem-se que os pobres penitentes, ao iniciarem a sua confissão, chamam-no pai, e que, de fato, devem ter para com eles um coração paternal. Recebam-nos com imenso amor, suportando pacientemente a sua grosseria, ignorância, fraqueza, lentidão de compreensão e outras imperfeições, nunca deixando de os ajudar e socorrer enquanto houver neles alguma esperança de que se possam corrigir.

Um bom confessor deve estar atento ao estado de vida de cada pessoa e proceder de forma diversificada, tendo

em conta a profissão de cada um, “casado ou não, eclesiástico ou não, religioso ou secular, advogado ou procurador, artesão ou agricultor”. No entanto, o tipo de acolhimento deve ser o mesmo para todos. Segundo a Madre de Chantal, ele recebia toda a gente “com igual amor e delicadeza”: “senhores e senhoras, burgueses, soldados, criadas, camponeses, mendigos, doentes, condenados malcheirosos e abjetos”.

No que diz respeito às disposições interiores, cada penitente apresenta-se à sua maneira, e Francisco de Sales pode recorrer à sua própria experiência quando traça uma espécie de tipologia dos penitentes. Há os que se aproximam “atormetados pelo medo e pela vergonha”, os que são “sem vergonha e sem nenhum medo”, os que são “tímidos e alimentam alguma suspeita de obter o perdão dos seus pecados”, e os que, finalmente, estão “perplexos porque não sabem dizer os seus pecados ou porque não sabem fazer o seu próprio exame de consciência”.

Uma boa maneira de encorajar o penitente tímido e de lhe incutir confiança é reconhecer a si mesmo que “não é nenhum anjo” e que “não acha estranho que os homens cometam pecados”. Com o tímido, é necessário comportar-se com seriedade e gravidade, lembrando-lhe que “na hora da morte não dará contas de mais nada senão das confissões que fez”. Mas, sobretudo, o bispo de Genebra insiste nesta recomendação: “Seja caridoso e discreto com todos os penitentes e especialmente com as mulheres”. Encontramos esta tonalidade salesiana no fragmento do seguinte conselho: “Cuidado com o uso de palavras demasiado duras para com os penitentes; porque às vezes somos tão austeros nas nossas correções que nos mostramos mais culpados do que aqueles que censuramos”. Além disso, procure “não impor aos penitentes penitências confusas, mas específicas, e incline-se mais para a doçura do que para a severidade”.

Formar-se juntos

Por fim, vale a pena considerar uma preocupação do bispo de Genebra relativamente ao aspeto comunitário da

formação, porque ele estava convencido da utilidade do encontro, da animação mútua e do exemplo. Não se forma bem se não se forma em conjunto; daí o desejo de reunir os padres e também, na medida do possível, de os dividir em grupos. As assembleias sinodais que, em Annecy, viam os párocos reunidos uma vez por ano à volta do seu bispo eram uma coisa boa, mesmo insubstituível, mas não suficiente.

Para isso, o bispo de Genebra ampliou o papel dos “supervisores”, uma espécie de animadores de setores pastorais com a “faculdade e a missão de apoiar, advertir, exortar os outros padres e vigiar a sua conduta”. Estavam encarregados não só de visitar os párocos e as igrejas sob a sua jurisdição, mas também de reunir os seus irmãos duas vezes por ano para discutir questões pastorais. O bispo dava grande importância a estas reuniões, “sublinhando a importância das assembleias e ordenando aos seus superintendentes que lhe enviassem os registros dos presentes e os motivos das ausências”. Segundo uma testemunha, mandava-lhes fazer “sermões sobre as virtudes exigidas a um sacerdote e sobre os deveres dos pastores relativamente ao bem das almas que lhes são confiadas”. Era prevista também “uma conferência espiritual sobre as dificuldades que poderiam surgir relativamente ao significado das Constituições Sinodais ou sobre os meios necessários para obter melhores resultados em vista da salvação das almas”.

O desejo de reunir sacerdotes fervorosos sugeriu-lhe um projeto segundo o modelo dos Oblatos de Santo Ambrósio, fundados por São Carlos Borromeu para o ajudar na renovação do clero. Não se poderia tentar algo de semelhante na Saboia para encorajar não só a reforma mas também a devoção entre as fileiras do clero? De fato, segundo o seu amigo Dom Camus, Francisco de Sales teria cultivado o projeto de criar uma congregação de padres seculares “livres e sem votos”. Renunciou a isso quando foi fundada em Paris a Congregação do Oratório, uma sociedade de “padres reformados” que ele tentou levar para Saboia.

Os seus esforços nem sempre foram coroados de

êxito; testemunham, em todo o caso, a sua preocupação constante em formar os seus colaboradores no âmbito de um projeto global de renovação da vida eclesial.